

JB - 14.7.64

FLU Jan 79

RN 52

UM CASAL

Rubem Braga

DOMINGO à tardinha, no Iate Clube de Ramos. Um casal chega do mar, numa pequena lancha, que tira do mar pela rampa e empurra na carrêta até junto da garagem. Ali se demora em arrumar as coisas, lavar o barco lentamente, minuciosamente, com água doce. Ele joga água e esfrega, ela enxuga com paninhos.

É um casal baixo, de meia-idade, e ela usa óculos. Reparamos no carinho como os dois tratam o barco. Então reparamos no nome do barco: **Nós Dois**. Sentimos que **aquê**le barco é algo de importante na vida do modesto casal, é como um filho que dá muita alegria e muito trabalho, algo talvez que eles custaram a ter, e de que se orgulham, e cuidam com minuciosa paixão, metódico amor.

Os dois empurram o barco para seu

lugar certo lá dentro, vamos sair, mas resolvemos esperar um pouco no bar, para assistir à saída do casal feliz. Demora um pouco. Afinal, o casal passa por nós — de maneira perfeitamente triunfal. Monta uma bicicleta comprida, de dois selins: êle na frente, ela atrás; depois um pequeno mundo de coisas arrumadinhas, dependuradas na máquina. Um funcionário do clube, gordo e jovial, pergunta:

— Tem lugar para mais um aí?

Ele sorri. Ela abana a cabeça, como quem diz que não, não, só há lugar para «nós dois». O porteiro abaixa a corrente do portão e lá vão êles dois a pedalar pela ruazinha do parque proletário, entre os barracos que começam a se iluminar, no crepúsculo fantástico, do céu alaranjado, que abençoa e transfigura Ramos.

DN - 29.8.64

343